



A ESPETACULARIZAÇÃO DO CRIME PASSIONAL NOS JORNAIS DE SALVADOR (1940-1980)

Antonio Carlos Lima da Conceição^{1*}
Lina Maria Brandão de Aras^{2**}

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as representações e práticas relativas aos crimes passionais atribuídos a indivíduos de ambos os sexos, na cidade de Salvador entre 1940-1980 a partir de uma perspectiva de gênero. A documentação utilizada consiste em jornais de Salvador, nas décadas de 1940 a 1980. Busca-se, aqui, analisar o fenômeno dos crimes passionais à luz da bibliografia de referência e com base nos padrões gerais desses crimes ocorridos no tempo e espaço já delimitados. Outros objetivos foram perseguidos na pesquisa, como refletir sobre os elementos simbólicos que emergiram no contexto brasileiro da época e, particularmente, no soteropolitano, as estratégias normatizadoras das práticas amorosas e sexuais da população urbana, formuladas e difundidas por jornalistas; e de outro, os possíveis significados da passionalidade vivenciados por homens e mulheres em Salvador no referido período.

Palavras-Chave: Crime passional, espetáculo, jornal

O jornal na condição de fonte de pesquisa tem contribuído para o estudo de diversos segmentos sociais, mas, em particular, tem se mostrado valioso e, muitas vezes, imprescindível, quando se trata dos grupos que, por seu caráter subordinado e marginalizado, não deixaram nada ou quase nada escrito sobre si.

Metodologicamente definimos analisar o crime passional em sua *espetacularização* que orientará a leitura das fontes a partir dos seguintes eixos: *defesa da honra e relações desiguais de gênero*. A análise indicou que os jornais funcionam como um importante espaço discursivo, no qual o crime passional é discursivizado e inscrito por meio da espetacularização da notícia. O presente

¹ *Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPG/NEIM-UFBA, curalima@gmail.com

² ** Doutora em História pela USP e professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo/UFBA. laras@ufba.br

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



estudo constatou, ainda, que o discurso em geral e o discurso jornalístico, em particular, irrompe de um conjunto de arranjos, de possibilidades que dependem de relações já estabelecidas e de enunciados já propalados e que o sujeito é uma construção discursiva, produto do poder e do saber. Segundo Carla Bassanezi Pinsky (2006),

Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. A introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa, além de amiudarem-se as edições fac-símiles e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional.³

Pinsky (2006) continua afirmando que

Vários fatores explicam tal situação, que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distancias de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.⁴.

Na década de 1930 a Escola dos *Annales* tece crítica a essa concepção, no entanto não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo. Percorrer o caminho que vai da desconsideração à centralidade dos periódicos na produção do saber histórico implica acompanhar, ainda que de forma bastante sucinta, a renovação dos temas, as problemáticas e os procedimentos metodológicos da disciplina.

³ PINSKY. Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo. Contexto. 2006, p. 111.

⁴ Idem p. 11 e 112

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



aspectos. Fugindo do erro de tentar caracterizar a linha editorial de um jornal sempre da mesma forma, como se o mesmo seguisse uma sequência linear.

O discurso jornalístico registra a opinião que a elite letrada possui sobre esses segmentos, mas, ao descrever situações e emitir opiniões sobre a vida e a conduta de variados grupos sociais, torna possível ao historiador chegar, de forma indireta, aos segmentos populares, que, no presente trabalho, são representados pelos envolvidos nos dramas passionais.

Entre os jornais e periódicos que circulavam em Salvador no período estudado, foram escolhidos o *Jornal da Bahia*, o *Diário de Notícias*, diante do número significativo de exemplares que fazem parte do acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, cobrindo grande parte do período estudado. Além disso, estes periódicos para o período selecionado para a coleta sistemática das notícias encontrava-se mais completo. Segundo Vavy Pacheco Borges,

os jornais não devem ser considerados como fontes objetivas de verdade histórica, mas como indicadores de parte dessa verdade. Justamente através da subjetividade implícita num órgão de imprensa não meramente informativo e, sim, formativo de opinião.⁷

Utilizar o jornal como fonte de pouca credibilidade é uma atitude comum numa visão positivista de história, em que os fatos por si só representam a verdade objetiva e absoluta. Assim, as fontes oficiais eram as únicas merecedoras de uso pelo historiador. As novas abordagens da história possibilitaram adequar aos seus estudos objetos e fontes pouco usuais, além de novos métodos de investigação. Observou-se, a partir daí, uma renovação na concepção de história, quando ocorreu o estabelecimento de limites mais tênues entre a História e as outras disciplinas.

Diante destas observações teceremos algumas observações sobre o *Jornal da Bahia*. Idealizado por João Falcão, após a decepção com o movimento comunista⁸, o *Jornal da Bahia* foi fundado em setembro de 1958. O objetivo era a criação de um “jornal independente, livre de injunções partidárias e políticas”.⁹ Seu

⁷BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a oligarquia paulista*. História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926 – 1932. São Paulo: Brasiliense. 1979, p. 14.

⁸FALCÃO, João. *Não deixe esta chama se apagar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p. 35.

⁹Ibid., p. 9.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



corpo técnico foi formado por jornalistas vindos do PCB, jornalistas novos e idealistas. Alguns nomes da intelectualidade baiana fizeram parte do corpo editorial como o escritor João Ubaldo Ribeiro, o cineasta Glauber Rocha e o historiador Luis Henrique Dias Tavares.

O *Jornal da Bahia* também acompanhou a modernização da imprensa e investiu em novos equipamentos e na mudança da estrutura do jornal, dando mais espaço as fotografias, por exemplo. A constituição do periódico demonstrava a formação de uma imprensa independente, que concorreria com veículos conservadores e ligados a interesses políticos como os jornais *O Diário de Notícias*, *o Estado da Bahia* e *o Diário da Bahia*. Relacionando o seu conteúdo, a formação do seu corpo de funcionários e o posicionamento frente algumas conjunturas, podemos afirmar que, em linhas gerais, os seus textos eram marcadamente progressistas, defendendo reformas sociais.

Mesmo com a censura o *Jornal da Bahia* seguiu sua linha independente, e com a nomeação de Antonio Carlos Magalhães para “governador biônico” do estado da Bahia o periódico sofreria intensa perseguição. Os noticiários, quando preciso, faziam crítica à administração do governador, que queria dos veículos de imprensa apoio incondicional. Por não se sujeitar aos caprichos do governador baiano, Antonio Carlos Magalhães tornou-se inimigo implacável do jornal, tentando, de todas as maneiras, o seu fechamento. O *Jornal da Bahia* recebeu apoio nacional e internacional para enfrentar esta perseguição e, depois de anos de luta, encerrou suas atividades em fevereiro de 1994¹⁰

Os casos publicados nas reportagens serão analisadas, como acontecimentos. Na perspectiva que adotamos, o acontecimento diz respeito não simplesmente à ocorrência, isto é, ao ato homicida em si. Na perspectiva adotada, o acontecimento irrompe dos dizeres que emergem acerca da ocorrência, ou seja, acerca do ato homicida do passional. Desta forma, o que chamaremos de acontecimento corresponde à discursivização da ocorrência. O acontecimento é um ato discursivo, uma construção do discurso. O acontecimento não é o *crime passional*, o acontecimento é *aquilo que será discursivizado sobre o crime passional*.

¹⁰ FALCÃO, João. *Não deixe esta chama se apagar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p. 11.



A partir do exposto, podemos afirmar que o acontecimento é sempre discursivo, o qual “não depende de um encadeamento causal a uma ocorrência que o precederia.”¹¹ O acontecimento deve ser, pois, concebido como fenômeno que irrompe no momento que emergem certas formas singulares de enunciação. “Portanto, o acontecimento discursivo procede exatamente da singularidade do processo inédito de constituição do sujeito de enunciação. Ele é apreendido no momento de emergência de formas singulares de enunciação.”¹²

Devemos, pois, no caso particular da análise dos casos de crimes passionais publicados e que constituem o *corpus* utilizado em nossa pesquisa, considerar que tais sujeitos ou personagens não são sujeitos já constituídos, ou seja, a sua existência enquanto sujeitos não é uma existência *a priori*. Tais sujeitos são engendrados pelos fios do discurso do enunciador – jornais. A este respeito, Guilhaumou considera que:

O sujeito da enunciação posto em destaque pelo acontecimento discursivo não é um sujeito já constituído. Não se pode confundi-lo com o ator considerado em seu papel de representação, mais tarde frequentemente qualificado como dominante. Ele é também um espectador “imprevisível” e “desinteressado” no início da ação, próprio, portanto, para julgar o acontecimento e por isso mesmo atrair a atenção e a simpatia a outros espectadores. Forma-se, assim, um sentido comum do acontecimento.¹³

Tentando construir os sujeitos do acontecimento no momento da enunciação, o jornal costura o tecido dos discursos acerca do crime passional com dois tipos de fios. Um dos fios é formado pelo conjunto de informações disponíveis acerca da vida dos atores/autores do crime. O segundo tipo de fio é constituído pelo papel dos espectadores. Estes últimos funcionam como elemento indispensável no processo de acontecimentalização e espetacularização da ocorrência, uma vez que “o espectador participa do acabamento narrativo do acontecimento discursivo [e] de

¹¹ GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. p. 126.

¹² Idem p. 129

¹³ Idem

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sua realização plena e integral.”¹⁴

Consideramos que, para colocar o espectador como elemento integrante do processo de acontecimentalização, entram na cena discursiva do jornal as estratégias do discurso midiático. Tais estratégias são, sobretudo, marcadas pelas características da “sociedade do espetáculo.”¹⁵ O conceito de sociedade do espetáculo foi elaborado por Guy Debord, na década de 1960, e tem sido usado de forma crescente nas análises acerca dos fenômenos comunicacionais e relativos à mídia.

O conceito de sociedade do espetáculo será utilizado e seu uso justifica-se mediante o fato de percebermos o imbricamento entre acontecimento e espetáculo. Como já afirmamos anteriormente, o acontecimento é discursivo. Por ser produto dos discursos, os acontecimentos carregam consigo as marcas das estratégias discursivas da mídia que acontecimentalizam determinadas ocorrências, bem como as marcas das estratégias que transformam acontecimentos em espetáculos.

A espetacularização é uma característica marcante das sociedades contemporâneas. A sociedade do espetáculo é uma forma de relação social que surge na segunda metade do século XX, a qual pode ser analisada a partir de duas fases distintas. A primeira fase corresponderia ao período pós-segunda guerra mundial, marcado, sobretudo, pela busca de expansão por parte do capitalismo e do socialismo real, sendo que nas sociedades capitalistas existia o espetáculo difuso, enquanto que nas sociedades socialistas predominava o espetáculo concentrado. A segunda fase da sociedade do espetáculo tem início com o fim do socialismo e, portanto, do espetáculo concentrado como predominante em determinadas regiões e sociedades. Esta segunda fase – cujo início é caracterizado pela predominância do espetáculo difuso sobre o concentrado – é marcada pelo surgimento de um terceiro tipo de espetáculo, que irrompe da fusão dos dois anteriores: o espetáculo integrado, que corresponde à fase atual da sociedade do espetáculo. Essa é a fase

¹⁴ GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. p. 129

¹⁵ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.



na qual se deu a publicação das reportagens dos casos de crimes passionais analisados neste trabalho.

Segundo Debord,¹⁶ “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos”. Não é preciso muita reflexão para se chegar à conclusão de que a principal parceira do espetáculo é a mídia. A mídia é uma difusora dos elementos geradores do espetáculo (discursos: imagens, sons, documentos) na medida em que esta possui os mecanismos capazes de transformar ocorrências cotidianas, como os crimes passionais, por exemplo, em acontecimentos.

Deste jeito, “o espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece.’”¹⁷ Nessa sociedade onde reina o espetáculo, a mídia funciona como instrumento de difusão do grandioso, instrumento que faz com que o bom seja o que aparece e o que aparece seja o bom. Para realização de tais desígnios, a mídia materializa-se em meios de comunicação de massas, conforme esclarece Debord:

O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa” – sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. As necessidades sociais da época em que se desenvolvem tais técnicas não podem encontrar satisfação senão pela sua mediação. A administração desta sociedade e todo o contato entre os homens já não podem ser exercidos senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo.¹⁸

Assim, podemos perceber que o espetáculo está imbricado com os meios de comunicação de massa, com a mídia e os seus mecanismos e estratégias discursivas. Essas estratégias discursivas da mídia são caracterizadas, principalmente pela grande imprensa, pela inscrição discursiva de temas espetaculares, ou seja, pelos temas pessoais, sobre figuras públicas e matérias

¹⁶ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 13.

¹⁷ Idem p. 17

¹⁸ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 17.



sensacionalistas.

De acordo com Marques,¹⁹ as relações sociais da sociedade do espetáculo “atingiu diretamente o conteúdo dos veículos de imprensa, influenciou suas pautas e os discursos jornalísticos”. Por pertencer a chamada indústria cultural, as atividades jornalísticas dos grandes jornais e das grandes revistas estão marcadas pela preocupação com o sucesso de mercado, pelas regras mercadológicas.

Na análise das notícias jornalísticas, cuidaremos em observar que o jornal é um veículo de comunicação que faz parte do tecido midiático da sociedade do espetáculo, e que faz uso, portanto, dos mecanismos discursivos utilizados pelos meios de comunicação de massa de tal sociedade.

O crime passional nas páginas dos jornais

A mídia brasileira sempre tem divulgado notícias de crimes de diversas naturezas. No entanto, alguns crimes chamam a atenção do público mais do que outros. Certos crimes passam quase imperceptíveis aos olhos da sociedade e dos grandes veículos de comunicação; outros, no entanto, são noticiados durante dias, semanas, meses. Alguns crimes levam emissoras de televisão, jornais e revistas a colocarem os seus repórteres para passarem horas a fio na espreita de detalhes sensacionalistas para publicarem como principais manchetes de seus noticiários.

Os crimes ditos passionais têm figurado entre os crimes que mais despertam a atenção dos jornalistas e que são os mais comentados pelo grande público. Isto se deve, principalmente, ao fato deste tipo de crime envolver sentimentos dos quais muitos partilham: ciúme, ódio, amor, inveja, paixão. Uma notícia de um crime passional veiculada num grande jornal ou revista é sempre um acontecimento que desperta a curiosidade e a atenção de muitos leitores e espectadores.

O crime passional sempre foi objeto de debates. Seja nas conversas cotidianas, no campo jurídico ou psiquiátrico, as histórias de sujeitos que “mataram e

¹⁹ MARQUES, Fábio Cardoso. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: COELHO, C. N. P. e CASTRO, V. J. (Orgs.). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 33.



morreram por amor” são comuns. Segundo Leal²⁰ (2005) desde muito tempo despertou muita discussão entre os penalistas a questão relacionada à punição do autor de um homicídio passional e a divergência em torno de tais crimes acirrou ânimos doutrinários.

Na mídia impressa o crime passional é um conteúdo cuja aparição data no início do século XX. De acordo com Cancelli:

A imprensa do início do século XX retratava bem o estado hipotético produzido por esses crimes entre a massa urbana. Os jornais, já veículos de comunicação de massa (o Rio de Janeiro possuía vinte jornais diários em 1911), produziam cada vez mais e mais notícias de crimes, suicídios e julgamentos. Havia, na verdade, também uma certa teatralidade na linguagem empregada nas notícias, e na maneira como eram e costumavam ser retratados os crime.²¹

Deste modo, percebemos que desde o seu nascedouro, as divulgações dos crimes passionais na mídia estão envoltas por algo que é bastante peculiar às divulgações midiáticas: a espetacularização dos acontecimentos, ou seja, a transformação de uma ocorrência – o crime passional – em acontecimento, visto que segundo a mesma autora, “certos crimes e certos julgamentos chamavam tamanha atenção que figuravam como uma espécie de espetáculo público sobre a condição humana. Era um determinado tipo de show em nítida imitação dos espetáculos teatrais...”²², de tal forma que tais espetáculos enunciados pela mídia não apenas dramatizavam a vida das personagens envolvidas como também punham a desnudo os dramáticos rituais da justiça criminal.

De acordo com Cancelli²³ o jornal “Correio Paulistano em sua edição de quinta-feira, em 14 de setembro de 1905, reservava 1.137 linhas, em uma coluna, para a cobertura do julgamento de um crime passional que virara sensação na capital paulista”. O número de linhas dedicadas pelo jornal para narrar o crime, demonstra a entrada definitiva da nova modalidade de notícia na mídia impressa,

²⁰ LEAL, João José. *Cruzada doutrinária contra o homicídio passional: análise do pensamento de Leon Rabinowicz e de Nelson Hungria*. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 787, 29 ago. 2005.

²¹ CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p.101

²² CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora da UNB, 2001. p. 101.

²³ Idem p.102



sendo tal modalidade de notícia, a parti daí, explorada de forma exaustiva pelos jornais impressos, os quais não poupavam espaço em suas 85 edições e exploravam o vocabulário policial com suas palavras de efeito, na tentativa de chamar a atenção dos leitores e transformar, desta maneira, a ocorrência em espetáculo.

O tratamento dado pelo jornal, além de grande espaço, mostrava como o veículo tentava reproduzir os elementos indispensáveis encontrados nos romances policiais: uma problemática aparentemente incompreensível, que tem um mistério; a colocação à tona dos impulsos que compõem a natureza humana; e a manipulação de uma das sensações mais primitivas: o medo, que aparece justamente na composição do mistério.²⁴

No processo de transmissão espetacularizada da ocorrência, os jornais exploravam a dramaticidade dos casos, fazendo com que o leitor acompanhasse lentamente a história, para que esse, de alguma forma, sofresse a influência do infortúnio noticiado. Sem que percebesse, o leitor era absorvido e tomado pela emoção expressa na notícia, uma vez que “todos os envolvidos tinham seus dramas mais íntimos expostos e no qual a psicologização das personagens desse a sensação de que os leitores participavam da trama.”²⁵

Em 19 de janeiro de 1955, o periódico noticiou o seguinte drama passional:

O BÁRBARO ASSASSINATO DE TEREZINHA

O bárbaro assassinato da jovem Terezinha, balconista da Farmácia Chile, foi, sem dúvida, o crime mais sensacional do ano, aquele que maior repercussão teve em nossa capital. O bárbaro homicídio ocorreu na rua Dionízio Cerqueira. Foi o seu autor o fotógrafo José Araújo, que se dizia amante da linda jovem. Terezinha era uma dessas pequenas simples, filha de pais morigerados. Para a família era o alicerce econômico.

Há tempos ela se enamorara do fotógrafo, mas, ao saber a sua condição de homem casado, resolveu acabar com o romance. José, entretanto, não estava decidido a encerrar o caso. Não podia conceber a vida sem ela e jurou, então, possuí-la a qualquer custo. Repellido várias vezes tentou mata-la. Uma certa noite dirigiu-se para a rua Dionízio Cerqueira, num carro da praça. E dali esperou a

²⁴ CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora da UNB, 2001. p. 101.

²⁵ CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora da UNB, 2001. p. 125.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



chegada da sua vítima. Às 22 horas Terezinha apareceu e foi recebida com punhaladas que lhe deram fim à vida de maneira trágica. Após o crime, o fotógrafo resolveu suicidar-se disparando um tiro no abdômen. Foi salvo, entretanto, e hoje responde a processo crime.²⁶

Casos como este eram explorados pelos jornais com grande dose de sensacionalismo, uma vez que os crimes da honra eram, de um lado, defendidos pelos machistas; e, de outro, condenados pelos defensores do direito à vida. Dessa maneira, a ocorrência publicada seria acontecimentalizada pelos dois grupos, defensores e condenadores, que para tomarem partido, necessitavam de recorrer ao passado memorizado, a memória social sobre a moralidade e a imoralidade, sobre o permitido e o proibido em uma relação conjugal. A memória coletiva era um elemento indispensável para a notícia ter receptividade pelo público leitor.

Os dramas passionais destacados neste trabalho foram encontrados em sua maioria, nos jornais de Salvador, nas décadas de 1940 a 1980, que circulavam diariamente pela capital e que traziam notícias de todo o estado. Enquanto fonte histórica, no entanto, é necessário destacar que o jornal possui suas limitações e, por tal razão, alguns historiadores ainda resistem à utilização da imprensa como fonte de pesquisa.

As notícias pesquisadas em jornais e revistas apresentam-se como uma prática social de produção de sentidos. Tratam-se de calidoscópios, pelos seus espaços múltiplos e limitados, cujas construções em diferentes lugares e momentos perpassam uma determinada realidade social que é construída, pensada e dada a ler²⁷. Deste modo, a notícia, enquanto saber compartilhado, é condicionada pela instituição e pela tradição cultural do jornalista e de outros profissionais da imprensa. Na produção impressa, seja ela composta por editoriais, reportagens, artigos, fotografias, incorporam-se noções sobre o que importa e o que faz sentido.

²⁶ *Jornal da Bahia*, 19 de janeiro de 1955.

²⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990, p. 17.



Darnton, em seu artigo: *Jornalismo toda notícia que couber a gente publica*²⁸, apresenta algumas reflexões sobre sua experiência como repórter de jornal. Para esse autor, os repórteres policiais desenvolvem uma espécie de simbiose com a polícia. O sentimento de pertencer a um grupo interno, junto com as pessoas que aparecem em suas reportagens, tenderia a criar uma simpatia.²⁹ Observa, ainda, que na produção da notícia há categorias preestabelecidas para classificar as situações de violência:

Converter um boletim policial num artigo requer uma percepção treinada e um domínio e manejo de imagens padronizadas, clichês, “ângulos”, “pontos de vista” e enredos, que vão despertar uma reação convencional no espírito dos leitores.³⁰

As notícias dos crimes passionais possibilitam algumas frestas nas quais algumas mulheres e homens estão presentes em atos e tornam-se visíveis nos movimentos da história. Nesta artigo, tento captar e explicar estes atos em um determinado local e período.

Nesse sentido, entende-se que o fundamental de se observar nos casos de crimes passionais que tiveram destaque nos jornais pesquisados é a forma como esses acontecimentos foram narrados, as declarações dos envolvidos – levando-se em consideração que tais falas são mediadas e editadas pelo jornalista – e como os papéis de gênero e as concepções de amor estiveram presentes nas relações afetivas de homens e mulheres, podendo levá-los a discussões, brigas e por vezes, morte.

Embora não seja possível averiguar a veracidade das informações, uma mulher de origem pobre já ter sido casada, separar-se e unir-se novamente a outro homem não era algo excepcional na sociedade soteropolitana das décadas estudadas. Não obstante o matrimônio legal fosse um ideal coletivo, eram os integrantes das elites aqueles que efetivamente o seguiam.

A prática do concubinato ou “amasiamento” era comum entre as classes populares. Ainda assim, da mesma forma que a maternidade, o casamento era uma

²⁸ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁹ Idem p. 83

³⁰ Idem p. 93



instituição sagrada de acordo com os ideais da modernidade ocidental. Por essa razão, em inúmeros casos pesquisados, os jornais mencionam o estado civil dos envolvidos. Amante, por exemplo, era um termo utilizado tanto para homens e mulheres que tivessem casos extraconjugais como para casais que estivessem vivendo em concubinato.

Considerando também que a lei do divórcio ainda não havia sido instituída naquele momento no Brasil, embora os cônjuges não mais vivessem juntos, diante da justiça ainda estavam casados. Dessa forma, uma nova união amorosa tinha peso social diferente para homens e mulheres.

As diferenças biológicas inscritas nos corpos dos sujeitos determinam sua posição e seu papel na sociedade. Aqueles que são identificados como pertencentes ao sexo e ao gênero masculino têm posição privilegiada no grupo social ao qual pertencem. Serão eles os detentores do poder, podendo fazer uso da violência para controlar os indivíduos pertencentes ao sexo e ao gênero oposto, ou seja, o feminino. O poder masculino, no entanto, não é absoluto. As teorias do patriarcado colocam que, no momento em que não conseguem exercer essa dominação, recorrem à violência para reestruturarem a hierarquia entre os sexos.

Dentro de uma relação amorosa e sexual, podem ser várias as razões que levam um homem a agredir, espancar ou assassinar suas esposas, amantes ou namoradas. Pode ser que para indivíduos como Jurandir Batista, mulheres adúlteras ou que abandonaram o lar, questionavam a autoridade masculina ou que simplesmente desejavam dispor livremente de seus corpos e de suas vidas, mereciam morrer. Esta prática ficou evidenciada na matéria noticiada:

PEDREIRO MATOU AMANTE A GOLPES DE FACA NA MASSARANDUBA

Crime passional ocorreu ontem, por volta das 13 horas, em Massaranduba, quando o pedreiro Jurandir Batista dos santos abateu a sua amante Elza Souza Santos (solteira, 20 anos, parda, baiana), no interior de sua própria residência a golpes de faca. O criminoso foi preso em flagrante pelo comerciante Jurandir Pereira, auxiliado depois pelo soldado da PM, sendo apresentado na 3ª DP, onde foi autuado.



O corpo da vítima foi removido ao IML uma hora depois do assassinato, sendo o levantamento efetuado pelo médico legista Charles Pitex, cujas formalidades foram presididas pelo delegado plantonista da referida DP, sendo ali submetido à autópsia.

No local foram arroladas as testemunhas para instrução do auto flagrante delito, tendo o delegado Saback lavrado despacho nos autos, marcando nova audiência para amanhã.

Nas preliminares diligências efetuadas no local do homicídio, as autoridades policiais conseguiram apurar que o pedreiro Jurandir tomou 500 cruzeiros emprestados à genitora da sua amásia, prometendo pagar no dia seguinte. Numa loja de ferragem na Avenida Tiradentes adquiriu uma faca tipo “peixeira” e partiu para o crime. Encontrou a vítima na porta da residência, chamando-a para a sala de jantar. Ali, sem mais uma palavra, sacou a faca e desferiu três golpes, sem lhe dar oportunidade de defesa. Ensanguentada, Elza Souza tombou ao solo, morrendo quase instantaneamente. O criminoso tentava fugir, quando foi preso em flagrante.

O Ciúme e o papel das testemunhas na apuração do crime:

Ciúmes foi o móvel do crime. As testemunhas arroladas no local afirmaram que Jurandir impedia a vítima de sair à rua diariamente. Ela raramente lhe atendia, alegando que não podia ser escravizada. Apesar de viver maritalmente com o pedreiro, achava que não devia aceitar tais exigências, afirmando ser uma “mulher de respeito”. Surgiu o ciúme que culminou com o seu assassinato. Jurandir não se conformava com o procedimento de sua companheira, saindo sempre sem qualquer precisão, apesar de afirmar que ia “comprar aviamentos de costura”. O crime abalou a população do bairro de Massaranduba.

O criminoso, como medida de segurança, será recambiado do xadrez da referida DP, para o presídio do largo de Santo Antônio, onde ficará à disposição da autoridade competente, à qual foi comunicada a pungente ocorrência, através do ofício.³¹

Outro elemento que deve ser lembrado diz respeito ao fato de os discursos que ainda circulam em nossa sociedade acerca das relações de gênero carregarem consigo as marcas das posições que foram criadas para serem ocupadas por certos indivíduos. Para Foucault, a constituição do sujeito se dá dentro da história. Desta forma, podemos afirmar que a posição sujeito ocupada pelas mulheres em nossa sociedade decorre da produção de determinados saberes, erigidos a partir de mecanismos sociais complexos, a partir de determinadas formações históricas e

³¹ Jornal da Bahia, 07 de maio de 1966.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sociais, que resultaram das ações do poder disciplinar que produziu e fez circular determinados discursos, os quais produziram o disciplinamento dos corpos femininos enquanto corpos dóceis, passíveis de dominação por parte de seus companheiros.

Os jornais de Salvador traziam em suas páginas os conflitos domésticos e dramas passionais que se passavam entre os moradores da capital e de outras cidades da Bahia. O Diário de notícias propagou:

JOVEM MATOU POR AMOR E SUICIDOU-SE

Gildásio da Silva, de 22 anos, desesperado por não conseguir reconciliar-se com sua jovem amante, Maria Auxiliadora, com quem vivera maritalmente há algum tempo, assassinou-a com uma facada certeira no coração, quando esta dançava com um outro homem numa festinha na Boca do Rio.

Fugindo da desabalada carreira, o jovem se dirigiu para a zona onde residia à Caixa D'Água. Sendo perseguido pela polícia, Gildásio, funcionário do Departamento de Saneamento, não teve outra alternativa: subiu ao reservatório de água e se atirou. Foi socorrido, mas, ao caminho para o HPS morreu.³²

Gildásio mesmo estando separado da amante com quem vivera maritalmente assassinou-a, o que nos leva a inferir que havia uma relação marcada pelo sentimento de posse.

O interior das residências, o meio da rua, as praças e a zona do meretrício eram os espaços físicos onde se davam os embates amorosos os quais, quando não produziam vítimas fatais, deixavam gravemente feridos maridos, esposas, amantes e meretrizes.

A partir das falas dos envolvidos e das testemunhas, registrados nas páginas dos jornais, temos conhecimento sobre o cotidiano do casal, sobre a conduta de homens e mulheres dentro de suas relações e os possíveis responsáveis pelos dramas são apontados

Nas linhas dos jornais ressaltam-se também os fortes sentimentos que dominam os agentes de violência momentos antes do crime: “Cego de ódio”, “[...] dentro de seu cérebro fervilhava uma vingança terrível”, “profundamente

³² Diário de Notícia, 7 de junho de 1960.



enciumada,” “desvairado e de alma aberta”, são alguns dos termos usados para fazer referência à impulsão dos amantes. Como o caso que o jornal Estado da Bahia divulgou:

MATOU A COMPANHEIRA E O AMANTE DENTRO DE CASA E FOI CONDENADO

No interior de uma casa, no bairro do IAPI, no dia 05 de novembro do ano passado, o pedreiro Joaquim matou a sua própria mulher Maria dos Santos e seu amante Manoel do Nascimento, vulgo gordinho, sendo posteriormente preso em flagrante por um policial e conduzido para a 2ª DP onde foi autuado pela autoridade plantonista. No seu interrogatório, tanto na polícia como na justiça Criminal, o acusado afirmou que sua mulher vinha lhe traindo.

A prova testemunhal do processo inocenta parcialmente o indiciado, reconhecendo que a doméstica Maria dos Santos realmente lhe era infiel, desrespeitando a sua própria casa onde recebia o seu amante para os colóquios amorosos. O pedreiro estava desconfiado com sua mulher e diante dos vestígios de infidelidade encontrados, resolveu manter a vigilância até que flagrou Manoel do nascimento em seus braços, dentro da sua própria residência no bairro do IAPI.

Olhando pela fechadura da porta de sua casa, Joaquim divisou perfeitamente Maria fazendo carinhos em Nascimento o primeiro a ser fulminado pelo réu, na sua fúria sanguinária. Maria tentou fugir ao ver o marido transformado, parecendo um louco, empunhando um revólver. Na fuga foi ela alvejada fatalmente pelo companheiro. Na tribuna de defesa o advogado sustentou a tese do “homicídio privilegiado”, sendo auxiliado por sua colega Vânia de Aguiar, que teve atuação destacada.

O representante do Ministério Público, promotor Ivan Brandão, sustentou veemente libelo, chegando a pedir ao Conselho de Sentença a pena de 40 anos de prisão para Joaquim Santana, pelos dois homicídios que praticou. Sua tese fugiu às provas constantes dos autos, sendo, portanto rejeitada pelo Conselho de Sentença que finalmente, aceitou a tese da defesa condenando o réu a pena de 13 anos e quatro meses de reclusão. O julgamento iniciado às 14 horas, foi encerrado às 21:30 horas com o veredictum.³³

O jornal, no caso em epígrafe, tenta chamar atenção para a infidelidade da mulher e o tese da promotoria foi no sentido de defender a condenação do réu a uma pena de 40 anos, esta não foi aceita pelo conselho de sentença e a decisão final do júri concluiu pela condenação do réu a treze anos e quatro meses de reclusão.

³³ *Jornal Estado da Bahia*, 13 de julho de 1968.



Dependendo das circunstâncias que levaram um homem a espancar ou matar sua mulher, a opinião pública e jurídica poderia lhe dar razão. O mesmo, no entanto, não se aplicava a elas.

De certa maneira, a mulher como agente de crime deixava a sociedade muito mais perplexa do que crime praticado por homens. Nesse sentido, as notícias sobre ocorrências em que as mulheres eram protagonistas recebiam destaque maior nas páginas dos periódicos:

A crônica policial da cidade registrou várias espécies de cenas de sangue em que mulheres são as principais protagonistas. Mulheres decididas e valentes agiram de forma violenta em relação aos seus amantes como exemplificado:

LIQUIDOU O MARIDO COM UM BALAÇO NO PEITO

Dilma Maria Ribeiro, de 22 anos, matou ontem com um balaço no peito, seu marido, o tenente da aeronáutica Fernando de Oliveira Pereira, de 58 anos. O crime ocorreu às primeiras horas da madrugada na residência do casal em Itapoã e são contraditórias as versões iniciais para o homicídio que agora está sendo apurado pela 9ª delegacia.

A polícia soube do assassinato por intermédio de Neuza e Norma Maria Ribeiro, irmãs da criminosa. Elas chegaram à 9ª delegacia e disseram ao delegado plantonista, que Dilma tinha estado em sua casa e se desentendera com o marido, matando-o. Dilma deflagrou cinco tiros, conforme sabe agora a polícia, contudo somente um conseguiu atingir seu alvo, varando o tórax do militar que pertence à reserva da Aeronáutica. Logo em seguida, apanhou os filhos, levou à casa das tias, abandonando-os. Foi monossilábica na informação do crime às irmãs e desapareceu enquanto estas, iam até a polícia.³⁴

Durante longo período na história, as mulheres por sua condição social, pelas relações tecidas em seu cotidiano, pela falta de melhores oportunidades, pela pressão provocada pela mentalidade sustentada acerca do papel feminino, ou quem sabe por escolhas próprias acabavam enveredando por caminhos considerados criminosos pela sociedade e conseqüentemente com tais atitudes saíram da condição de passivas espectadoras históricas da dominação masculina e social que

³⁴ *Jornal da Bahia*, 21 de abril de 1976.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



lhes foi imposta, tramando em seu universo tensões, respondendo por suas atitudes e conduzindo suas vidas de maneira independente.

Entre os crimes passionais, o mais debatido era o cometido como reação ao adultério. Nessa tradição machista do período estudado, honra manchada lavava-se com sangue. Entre nós, o Código Penal de 1890, só a mulher era penalizada e punida por adultério, com pena de um a três anos de encarceramento.

O comportamento feminino costuma ser avaliado segundo seus hábitos na esfera privada, enquanto o comportamento masculino será avaliado de acordo com sua atuação na esfera pública, preponderantemente em suas relações profissionais. Conforme o caso noticiado pelo Jornal da Bahia de 18 e 19/06/1962, em que, o assassino contava 38 anos de idade era um trabalhador rural, tendo sido levado a esse extremo por violenta paixão amorosa.”³⁵

Esta notícia ressalta o comportamento social e o estado emocional do criminoso, daí que a racionalidade era um elemento considerado vital para o padrão de masculinidade; a presença destes elementos no perfil masculino era a garantia de um começo sólido para um relacionamento harmônico, no qual a mulher devia ser fiel, submissa, recatada; e o homem racional, trabalhador-provedor e honrado. A partir desta representação voltamos ao crime passional cometido por Flaviano.

COM DUAS PEIXEIRADAS MATOU A AMANTE

O lavrador, Flaviano Bispo dos Santos, de 38 anos, residente em São Miguel das Matas, tentou uma reconciliação com sua companheira Edésia Barreto Couto, de quem estava separado há quatro anos e como esta não aceitou a proposta, foi assassinada brutalmente com duas facadas nas costas, morrendo instantaneamente. O crime ocorreu na Trav. São Vicente na baixa do Bonocô, na casa de Tomás Aquino dos Santos, irmão de Flaviano, e o local onde Edésia foi encontrar-se com seu ex-companheiro. A faca utilizada para o crime, tipo peixeira, e dada a lâmina partida. Após tudo isso, o criminoso tentou suicídio, atirando-se de uma ribanceira, mas, ficou apenas desmaiado e foi preso em flagrante por policiais da 6ª DP.

³⁵ *Diário da Bahia*, 8 de janeiro de 1905.



Flaviano quando interrogado pelo Delegado, confessou-se um apaixonado de Edésia, apesar desta estar convivendo com outro homem com o qual já tem até filho. Flaviano deslocou-se de São Miguel para Salvador só a fim de reconciliar-se com Edésia. Foi marcado um encontro e o local foi à casa de Tomás, irmão de Flaviano. Depois de muito insistir, Flaviano começou a ser ofendido por Edésia e não mais suportando, foi tomado de uma ira enorme, matando-a com violentas facadas nas costas. O criminoso foi recolhido ao xadrez e posteriormente transferido para a casa de Detenção.³⁶

Como Flaviano Bispo dos Santos, outros tantos homens atiraram, esfaquearam e mataram suas amantes, companheiras e concubinas dominados por uma desenfreada paixão. O campo jurídico tentava associar certas paixões intensas a determinadas formas de loucura, a qual podia anular a função inibidora da vontade, deduzindo-se daí a irresponsabilidade penal. Em 1960, o Diário de notícias noticiou o seguinte assassinato.

MATOU A ESPOSA QUE O TRAÍA

Utilizando um canivete, o pedreiro José Vieira dos Santos aplicou três violentos e certos golpes na sua esposa, Castelita Dias de Santana, com 35 anos de idade, no interior de sua residência a localidade conhecida por “Brasília” de Itapoã. Louco de ciúmes por desconfiar que sua esposa estava traindo, o pedreiro José Vieira resolveu matar a sua companheira de longos anos depois que ouviu do próprio filho a afirmativa de que Castelita mantinha relações com o comerciante Valdomiro, estabelecido no local.

O criminoso após aplicar os golpes mortais na sua esposa que tentou ainda fugir a sanha criminosa do esposo, foi cair a poucos metros da casa, esvaindo-se em sangue. Depois de assassinar a sua companheira de longos anos, com a qual tivera cinco filhos, o pedreiro José Vieira, sob as vistas dos moradores, deixou o local do crime pacatamente, arrumando sua mala. E pediu ainda a suas irmãs: - “Tomem conta dos meus filhos!”.

Há algum tempo a vítima e o homicida estavam residindo em Santos. Como os negócios andavam ruins, o pedreiro José achou por bem mandar de volta a sua esposa e os filhos à Bahia, enquanto que ele permaneceu por mais tempo em São Paulo tentando ganhar mais

³⁶ *Jornal da Bahia*, de 18 e 19 de junho de 1962.



algum dinheiro para uma “nova vida” na Bahia. Tempos depois, o pedreiro voltou à Salvador e com a surpresa começou a ouvir comentários de vizinhos sobre o comportamento de sua esposa. A princípio não deu muita importância. Os insistentes comentários torturavam, contudo, a mente do marido enfurecido. E o que o levou a praticar o crime, foi quando ouviu do próprio filho de 9 anos Jasiel Pereira dos Santos a confissão de que Valdomiro, dono de uma bodega em Itapoã era o novo eleito de Castelita. Investigadores foram designados para dar busca ao criminoso, sem, entretanto, nada conseguir. Pistas foram fornecidas, informando que o criminoso teria fugido para a cidade de Sergipe onde estaria homiziado na cidade de Japaratinga, onde residem pessoas de sua família, mas a polícia não conseguiu capturá-lo ainda.³⁷

Neste caso ficou demonstrado que era inegável o desejo de confinar a sexualidade feminina dentro dos limites restritos do casamento oficial e exigir das mulheres casadas fidelidade, noção que estava visceralmente ligada à ideia de que a honra masculina devia ser garantida por um elemento externo ao homem: o corpo e o comportamento da mulher.

A fidelidade garantia a estabilidade da relação monogâmica do casamento, que era muito exigente no que diz respeito à monogamia da mulher e à garantia da certeza da prole. A reação masculina à perda da honra era violenta. O homem devia ser impetuoso, até agressivo e estes eram elementos que também compunham a construção da masculinidade. O homem ideal era educado para ter iniciativa de conquistar o melhor emprego, a melhor remuneração e, finalmente, a mulher que desejava. Entretanto esta iniciativa exacerbada trazia em si o germe da violência, que sempre surgia como um meio de resolver os problemas quando a razão falhava – como já foi problematizado. Os adjetivos utilizados nestas descrições, como “louco”, “ciumento”, dentre outros, procuravam realçar um ato indevido, já que fruto do domínio da emoção sobre a razão. Os envolvidos eram tomados por seus sentimentos e agiam impensadamente, desestruturando suas famílias, obrigando no caso citado as tias assumirem a responsabilidade para criar os sobrinhos.

³⁷ *Diário de notícias*, 8 de abril de 1960.



Outro elemento muito recorrente nas notícias eram os termos “sangue”, e “honra”, que eram associados de forma muito vigorosa. A honra³⁸ tinha um papel central nos casos passionais, pois a ideia de que os atos dos envolvidos a tinham maculado era suficiente para justificar e absolver um crime de assassinato. Desta maneira, deve-se observar que o derramamento de sangue, nos casos que envolviam o adultério feminino, era encarado como a única maneira de redimir os atos “inadequados” dos envolvidos no crime e era este líquido que devia ser vertido para que a honra masculina fosse “lavada”. Esta era outra imagem muito forte; a de que a honra de um homem podia ser manchada pelos atos de uma mulher que cometia adultério e que, somente com a sua morte, ou seja, com seu sangue, a honra de seu marido podia ser redimida.

Os artigos de jornais apresentavam as temáticas mais diversificadas possíveis, mas, para este estudo, foram selecionados os assuntos referentes à mulher, à família, ao casamento, à dissolução dos costumes, ao divórcio, ao desquite, aos crimes e às estatísticas criminais. Assim, por transição dos costumes – terminologia comumente utilizada em jornais da época – entendiam-se as posturas assumidas por homens e mulheres, especialmente as mulheres, diante do padrão moral instituído.

Tais posturas diziam respeito às atitudes das pessoas que tivessem a ousadia de contrariar o padrão vigente, concorrendo para a desagregação da “harmonia” familiar existente. As atitudes que não seguissem o padrão pensado para essa sociedade apontavam para o desejo de construção de outras práticas sociais que iam ao encontro do desejo do indivíduo que transgredia

Entremeando o discurso da moralidade estão as representações de amor-paixão, como sentimento desviante relacionado à dor, ao sofrimento, à tragédia. Nos anos estudados foram constantes as notícias de crimes passionais na imprensa local. Porém, não foram os únicos: os crimes contra a propriedade e contra a segurança da pessoa e da vida, também estamparam as páginas dos jornais.

³⁸ Honra é a tradução perfeita do machismo que consideram serem a fidelidade e a submissão feminina ao homem um direito dele, do qual depende sua respeitabilidade social.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Nas representações do moderno e do civilizado encontravam-se as tensões e os conflitos, e os prostíbulos ocuparam a área central, os roubos persistiram e o ideal de ordem e civilização desvaneceu-se nas práticas cotidianas e nas concretas necessidades da população. Nesse cenário, em nada harmonioso, as relações amorosas aconteciam. Sob olhares higiênicos e normatizadores, homens e mulheres legaram, ao presente, formas de viver e amar que, em muitas vezes, não corresponderam aos ideais imaginados pelos pregadores burgueses da ordem e da civilização.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a oligarquia paulista*. História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926 – 1932. São Paulo: Brasiliense. 1979.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil em Eurípedes Simões de Paula (org), *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo.

CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CUNHA, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História* (PUCSP), v. 1, 2008.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FALCÃO, João. *Não deixe esta chama se apagar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

